

## Carta a uma educadora e colega de Mestrado

Estimada colega Dirce Hechler Herbertz

Há tempos queria escrever-te esta pequena carta, mas o tempo e a vontade de escrever algo que pudesse causar uma sensação de alegria e certeza de ter partilhado algo proveitoso para nossa caminhada acadêmica falou mais alto. Eu te conheci nos meandros acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, quando ambos pleiteávamos um “lugar ao sol” no curso de Pós-graduação em Educação – Mestrado da referida universidade. Deus não coloca as pessoas por acaso em nossa vida. Quando te conheci, éramos estudantes em regime especial. Isso não foi empecilho para enfrentarmos os “lobos” que a caminhada se nos apresentava. Ao contrário, nossos colegas de turma só foram perceber que éramos alunos especiais no momento em que apresentávamos o nervosismo próprio do processo seletivo para, então, ingressarmos regularmente no curso. Agíamos como alunos regulares, tamanha era nossa responsabilidade, motivação e participação nas aulas. Fomos felizes certamente. Por isso, quero convidá-la a realizar uma breve, mas instigante, viagem à nossa memória.

Hoje, passados os momentos de tensão de um processo seletivo realizado de forma muito séria e comprometida, surpresa e gratificação maior foi poder conviver e compartilhar contigo o desenvolver de uma disciplina que visava à escrita acadêmica e à autoria na formação de professores, sob a tutela de nossa estimada professora Maria Inês, que compartilhou conosco a riqueza de um grande escritor e educador: conhecemos o nosso professor Miguel Angel Zabalza. A apropriação foi tão intensa que realizamos um belo trabalho no primeiro semestre deste ano, enriquecidos com a teoria deste escritor, que procurou levar ao mundo acadêmico a certeza de que podemos aprimorar nosso fazer docente através da escrita e do que ela pode nos proporcionar. O que aprendemos com tudo isso? Certamente podemos afirmar que Zabalza em sua obra “Os diários de aula” nos apresenta os diários não só como um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional, mas deixa claro que, ao descrever os dilemas dos professores, o educador pode e deve distanciar-se da sua realidade cotidiana, refletindo sobre a sua prática. Nosso

amigo Zabalza conclui sua obra apresentando-nos novas possibilidades de pesquisa, capazes de explorar não somente os aspectos objetivos/descritivos de nosso cotidiano docente, mas também os aspectos subjetivos/reflexivos de que se revestem nosso ofício.

Querida Dirce, sei que já sabes de tudo isso, mas ao recordar o que Zabalza nos ensinou com a abordagem dos diários de aula, faço memória do tempo que estudamos juntos. Sei também que, partindo de toda esta experiência com os diários nas aulas da professora Maria Inês, surgiu o mote principal de seu projeto de dissertação. Foi tão grande a alegria ao saber que estás pesquisando os diários de aula como uma ferramenta de reflexão da prática docente onde trabalhas, que quis escrever-te esta singela carta. Acredite: sua caminhada serve de exemplo para quem quer ingressar neste mundo tão amplo e rico do Mestrado. És exemplo de quem quer estar em permanente crescimento e avaliação da própria prática, além de defenderes a ideia de que é importante ser um educador reflexivo e estar aberto a novos fazeres.

Nesta longa e cativante viagem no mundo acadêmico, que realizamos com tantos outros colegas, fomos convidados por nossa professora a refletir sobre a produção escrita de alunos no ensino superior; analisamos e reelaboramos resumos, artigos, resenhas, ensaios, projetos de dissertação e de teses; fomos convidados a estudar diferentes procedimentos técnicos de organização da escrita acadêmica, sua estrutura e a elaboração de textos, que visavam à prática constante e crítica da linguagem escrita.

Novamente pergunto: o que aprendemos? Muito! Certamente qualificamos nossa produção escrita, temos uma expressiva noção do que é realmente analisar diferentes gêneros textuais, refletimos sobre os conceitos de autoria na formação de professores, evidenciando a coerência e a coesão textual, (re)visitando, ainda, as teorias de Michel Charolles e Michel Halliday. Realmente, saímos enriquecidos deste processo.

Nesta memória que faço aqui não poderia deixar de lembrar de Jacques Rancière, que, em sua obra “O mestre ignorante” nos deixa intrigantes conceitos e lições sobre a emancipação intelectual, bem como técnicas e práticas de investigação, tão importantes nesta etapa de elaboração e escrita do projeto de dissertação.

Aprofundamos importantes excertos de Laurence Bardin, que, em sua obra “Análise de Conteúdo”, nos deixa lições de como podemos organizar e operacionalizar o nosso método de investigação. Aprendemos a valorizar as palavras; a enxergar nelas a riqueza que possuem e a responsabilidade que adquirem ao serem transcritas no papel. Quero fazer aqui uma confissão: fiquei feliz por partilhar da elaboração de teu projeto de pesquisa, convidando-me a lê-lo e, mais feliz ainda, ao perceber que te enxerguei, querida Dirce, e tudo que tu viveste até agora desde o processo de ingresso no Mestrado. A apropriação de que te serviste na elaboração e escrita de teu projeto, de todos os autores até agora estudados e aqueles que buscastes a partir de tua experiência profissional, foram primordiais para te colocares inteiramente na proposta de investigação.

Termino esta carta resgatando a história de vida de uma poetisa que admiro muito e que me faz lembrar muito de tua trajetória pessoal e acadêmica: a mineira Cora Coralina. Como tu, ela não buscou o lado mais fácil da vida, mas conseguiu compreender que, mesmo sem facilidade alguma, era possível encontrar a poesia no cotidiano das dificuldades. Não há poesia sem dor. A vida nasce da dor. O amor mais amado surge depois de uma dor prolongada: o amor de mãe (ouvi esta frase em uma palestra do escritor Gabriel Chalita)! És mãe, esposa, uma grande educadora e já te revelas uma pesquisadora séria. Sei que o caminho que trilhaste para chegar onde estás hoje, não foi atapetado só com rosas. Entre estas havia também espinhos que soubeste desviar da trajetória. E, se estes a tocaram, soubeste procurar a cura para a dor que causaram.

Querida amiga, és uma pessoa iluminada, acredita. Com tua história de vida, nos ensinas que a vida, toda ela, é uma graça. Poucas são as pessoas que conseguem dar sem exigir, sem projetar os próprios desejos. É necessário quebrarmos pedras e plantarmos flores! Cora Coralina e sua trajetória de vida nos ensinam isso e tu também. Desejo-te sucesso na caminhada pessoal e, principalmente, acadêmica, motivo principal de escrever-te este carta.

Deus a abençoe hoje e sempre. Do amigo e colega de Mestrado que a admira muito.

*Giovane de Souza*